

O Conceito de Realeza de Temístio e Amiano Marcelino: o caso do Imperador Joviano

BRUNA CAMPOS GONÇALVES*

A Realeza em Temístio e Amiano Marcelino

O Império Romano vivenciou novas experiências durante a Antiguidade Tardia, período que abarca de meados do século III d.C. ao VIII d.C. e ao qual nos referimos neste estudo. Dentre essas, observamos a confluência de antigos valores morais e de conduta misturar-se com as novas configurações e necessidade do Império Romano. Durante o século IV d.C. notamos novos parâmetros na disposição sociopolítica imperial, na qual o Exército ganha ainda mais destaque, o estrangeiro se sobressalta no serviço militar romano e o culto aos Deuses começa a dividir seu espaço com a adoração ao Deus Cristão.

Nessa conjuntura, plena de ideias híbridas, se insere os panegíricos de Temístio e a obra de Amiano Marcelino. Ambos provenientes do Império Romano Oriental, sendo o primeiro da região da Paflagonia, hoje pertencente à região da Turquia; e o segundo nato da Antioquia, que atualmente compõe a Síria; sendo o primeiro um filósofo e o segundo um militar. Cabe ressaltar que entendemos tais trabalhos como frutos de seu tempo, apresentando aspectos característicos do momento e das vivências de cada um dos autores.

Ainda nesse quesito, notamos que por terem sido criados na parte oriental do Império, falam, escrevem e compreendem a língua grega. Mas, por diferentes caminhos tomados em suas trajetórias de vida, Temístio compôs seus discursos em seu idioma nativo, enquanto Amiano escreveu sua narrativa em Latim, a linguagem empregada pelo Exército Romano. O filósofo, embora direcionasse seus discursos aos Imperadores de Roma, não o fazia na língua latina alegando pouca fluência nesse idioma.

Os dois autores tardo-antigos, aqui trabalhados, possuem outras características em comum. Ambos tiveram uma formação dentro da cultura clássica e da retórica; nasceram e foram criados dentro dos costumes não cristãos, embora acreditemos que, de certa forma,

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Franca (UNESP/Franca). Atualmente, é Doutoranda em História Antiga do mesmo Programa, sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho e bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

tiveram contato com os diversos cristianismos da época, pois todo esse conjunto político-religioso fazia parte de seu tempo; provinham de famílias abastadas, às quais deram todas as condições para crescerem nas profissões escolhidas por cada um deles.

Contudo, como já sabemos, escolheram carreiras distintas para se dedicarem. Temístio se tornou, assim como seu pai e avô, um filósofo e panegirista, tendo escrito obras filosóficas e diversos discursos, públicos ou particulares. Enquanto Amiano aproveita seu status social e adentra na vida militar no seio dos protectores domesticis, órgão com grande prestígio social; considerando que alguns dos comandantes dessa ordem militar alcançaram o mais elevado cargo administrativo do Império: o de Imperador de Roma; como foi o caso de Diocleciano, Constâncio Cloro, Joviano, Valentiniano I e Valente. (LENSKI, 2000: 500).

Em seus diferentes trabalhos, eles se destacaram: um chegou às altas cúpulas do Senado de Constantinopla e adentrou na prefeitura dessa região, por convite do Imperador Teodósio. O filósofo adotou essa cidade, a qual defendeu arduamente em seus panegíricos. O outro, defensor ferrenho de Roma cidade a qual se instalou para terminar seu trabalho, e até onde sabemos não adentrou para vida pública, embora tenha escrito uma obra nos parâmetros ditados pela política.

Todavia, Temístio acreditava num Deus supremo, o que não nos parece ser o caso de Amiano, ambos advogavam a favor dos Deuses, divergiam, assim, da maioria dos Imperadores que presenciaram no poder. O único governante que praticou o culto aos Deuses como eles foi Juliano e, no entanto, não encontramos nesse quesito em específico, uma concordância dos autores tardo-antigos com todos os métodos empregados por este Imperador não cristão.

No que se referem à Realeza, buscamos entender o ponto de vista dos dois, do filósofo Temístio e do militar Amiano Marcelino, uma vez que encontramos em seus escritos preocupações semelhantes, destacando uma esfera de pensamento do momento vivido por eles. Sublinhamos que muitos autores da Antiguidade Tardia se detiveram nessa questão, não sendo privilégio nem do paflagoniano, nem do antioquiano, assim, compreendemos que não estamos abordando um todo, mas sim um fragmento do que se pensava a respeito da conduta de um governante imperial no século IV d.C.

Tanto Temístio como Amiano possuem particularidades, porém é possível identificar pontos em que os ideais deles se convergem, já que, como analisamos acima, tiveram um início de vida bastante semelhante, ou melhor, por terem compartilhado uma cultura e identidade comum. (SABBAH, 1978:350). De forma semelhante, encontramos divergências em alguns segmentos desse ideal.

Um estudioso da obra de Amiano Marcelino, Guy Sabbah, faz uma análise em seu trabalho sobre a influência que os discursos de Temístio tiveram nos escritos do militar antioquiano. Dentre seus apontamentos, ressalta que os discursos do filósofo eram “designados como um testemunho político impossível de ser negligenciado por um historiador” (SABBAH, 1978:349); continua seus estudos detalhando as coincidências de expressões e a presença de exemplos análogos.

Nesse momento, não nos voltaremos às semelhanças dos escritos de ambos os autores, no entanto buscaremos observar a correlação deles no que tange o pensar sobre a Realeza. Em torno desse quesito, encontramos alguns pensamentos intrínsecos tanto em um quanto no outro, como é o caso das virtudes e da tolerância religiosa.

No tocante às qualidades morais necessárias a um bom governante, percebemos que os dois gregos concordam. Ambos acreditam que o Imperador deveria ficar distante dos vícios, pois estes poderiam levá-lo à crueldade e à tirania, aspectos abomináveis em administradores imperiais. Salientam características como a humanidade, bem presente no pensamento temistianiano, a temperança, a moderação, a clemência, a generosidade, a equidade, entre outras. Dessa forma, observamos o desenhar de constructos identitários entre Amiano e Temístio

Para Temístio, “A vida será esplêndida e feliz quando surgir um rei jovem, temperante, dotado de boa memória, valente, generoso e alerta”. (TEMÍSTIO, Disc. III, 46a). O filósofo tomou emprestadas essas palavras de Platão, e buscou a todo tempo levá-las aos monarcas, lembrando-os sempre de suas responsabilidades para com seus súditos. Da mesma forma, vemos na narrativa de Amiano, anos após, a valorização de semelhantes virtudes.

Ele era um homem (Juliano) verdadeiramente a ser contabilizado juntamente com os espíritos heroicos, distinguido por seus feitos ilustres e sua inata majestade. Para tanto existe, na opinião dos filósofos, quatro principais virtudes, moderação, sabedoria, justiça e coragem, e

correspondentes a essas também algumas características externas, como o conhecimento da arte da guerra, autoridade, boa sorte e liberalidade, estas como um todo e separadamente eram cultivadas por Juliano com constante zelo. (AMIANO MARCELINO, Hist., XXV, 4, 1).

Nessa medida, acreditamos que os ideais desses giravam em torno dos mesmos valores de boa conduta. Os dois, filósofo e militar, acreditavam na ascensão imperial por meio da escolha divina; Deus escolheria o futuro governante na terra por intermédio dos homens responsáveis pela eleição imperial. Porém, cabe salientar que, para Temístio, era uma intervenção direta do Deus supremo, enquanto que em Amiano há somente uma inspiração dos Deuses. De maneira que cabia ao então detentor do poder imperial atuar em conformidade com as virtudes, demonstrando aptidão para o serviço designado, cuidar das pessoas que vivem em seu domínio, e quiçá até daquelas que estão do outro lado da fronteira.

Nos discursos de Temístio, tais caracteres são abordados diretamente, e o autor vai adiante mostrando que o Imperador deveria ser a imagem e semelhança de Deus na terra, para tanto deveria se espelhar nas qualidades do Soberano universal. Pois, os monarcas eram os únicos capazes de colocar em exercício as virtudes divinas, principalmente a philantrópia ou humanidade, que só podiam ser apreendidas pelos filósofos, não aplicadas.

Somente ele (Constâncio II) sabe com exatidão que se deve honrar a Deus assimilando a Ele, na medida do possível, o próprio pensamento. Esta é a autêntica reverência, este é o grande hino, esta é a oferenda que corresponde ao príncipe: não o bronze, a prata e o ouro, mas sim converter a própria alma em uma imagem de Deus. Esta é, também, a aspiração do filósofo, mas a carência de poder realizar tal aspiração lhe dá um aspecto insatisfatório. (TEMÍSTIO, Disc. I, 9b).

Diferentemente, Amiano não aborda o tema diretamente, mas deixa entrever em seu texto suas preocupações e o seu entendimento sobre os valores morais esperado a um imperador. Percebemos na leitura da Res Gestae, que o autor abomina a crueldade, e sendo assim contrapõe as atitudes virtuosas com as ações excessivas dos imperadores, demonstrando quais considerava dignas ao bom príncipes e quais o tornava cruel, um tirano. Para o militar os Deuses inspiravam a escolha do governante na terra, porém era exclusivamente responsabilidade do escolhido se manter à altura do cargo designado a ele.

Durante a análise dos ideais de cada autor, notamos que ambos eram contra a violência em torno da religiosidade. Tanto Temístio como Amiano se posicionam a favor de uma

Tolerância Religiosa, sendo esse um traço identitário muito importante. O filósofo defende abertamente em seus discursos aos Imperadores a relevância para o bem social de se manter uma postura de respeito a todas as formas de adoração a Deus.

De forma um pouco peculiar, vemos o filósofo Temístio defender a liberdade de culto. No que tange à religiosidade, o militar Amiano procurou abster-se, mesmo porque não era sua intenção fazer uma história da religião. Mas como fruto de seu tempo, o autor acaba por mostrar em alguns pontos de seu trabalho seu posicionamento em torno dessa questão. Um exemplo marcante é sua crítica à política contra os professores cristãos do Imperador Juliano, governante este que o militar tardo-antigo nutria uma intensa admiração.

No que concerne à questão do elemento estrangeiro, notamos que há convergências e divergências entre os dois escritores: Temístio e Amiano Marcelino. Ambos demonstram em seus escritos uma preocupação quanto à política aplicada ao bárbaro. Enquanto o filósofo esboça uma linha de raciocínio parecida com a utilizada na defesa da multiplicidade de cultos religiosos, o militar rechaça uma política aberta de assimilação e tolerância dos não romanos.

O historiador contemporâneo Peter Heather, em um estudo, contempla a imagem que os romanos faziam dos bárbaros. Para o autor britânico, Temístio sublinha no discurso X, A Valente pela paz, a autoimagem da elite romana, a qual “seriam mais racional que os bárbaros de além fronteira”. Sendo que a racionalidade nesse contexto significa a “habilidade individual de controle das paixões do corpo pelo exercício do intelecto.” (HEATHER, 1999:236).

No trecho do discurso de Temístio, referido por Heather, encontramos mais que o exposto pelo historiador britânico. O filósofo grego aponta os elementos característicos dos bárbaros, como a rebeldia e a arrogância, a cólera e os apetites insaciáveis, mas não isenta um romano de possuir tais características. Mais adiante, destaca o dever do monarca de “salvar os bárbaros, ou aqueles que seriam diferentes dos romanos, e respeitá-los na ideia de que formam parte do Império.” (TEMÍSTIO, Disc. X, 131d).

Platão, em definitivo, me parece admirável nesse ponto, mas ainda mais quando nos ensina que em cada alma existe um princípio de semente da guerra e da paz, e quem é capaz de viver em paz consigo mesmo e também com seus inimigos externos, enquanto que a quem se resulta impossível concordar uma trégua consigo mesmo dificilmente se satisfaria com um armistício entre diferentes povos. Em cada qual existe, em efeito, um

princípio bárbaro, tremendamente arrogante e rebelde. Refiro-me à cólera e aos apetites insaciáveis, cepas enfrentaram a razão como os citas e os germanos estão com os romanos. Portanto, do mesmo modo que essas paixões, quando se levantam contra nossa melhor parte, não são possíveis nem convenientes extirpá-las de todo, pois a natureza há plantado-a na alma para nosso proveito (corresponde à virtude torná-la submissa e dócil a parte racional). É igualmente tarefa dos monarcas que honras seu nome não cortar a raiz, na hora de submeter os bárbaros rebeldes, de tudo que é parte integrante da natureza humana, mas, diminuindo sua arrogância, salvando-os e respeitando-os na ideia de que formam parte do Império. (TEMÍSTIO, Disc. X, 131b-d).

Nesse ínterim, compreendemos que, para Temístio, era possível adaptar o estrangeiro entre os romanos, bastava ensinar a racionalidade romana detentora de um autocontrole capaz de submeter às paixões do corpo a racionalidade da mente. Como Heather, conseguimos perceber nessa passagem os atributos distintivos entre romanos e bárbaros no conceito temistiano: a racionalidade. Para o filósofo grego, a diferença marcante entre o povo descendente de Roma e os outros povos está na capacidade de autodomínio.

Quanto a Amiano, percebemos duas concepções sobre o elemento bárbaro: uma vai ao encontro da de Temístio, quando Amiano faz uma separação entre os próprios elementos estrangeiros. Para o militar existia os adaptáveis ao Exército romano e os que não eram adaptáveis ao serviço militar romano; aqueles que possuíam a capacidade de negociar com os romanos¹ eram os que podia ser adaptados ao aparelho bélico do Império Romano.

Acreditamos que, para Amiano era interessante a utilização dos serviços militares estrangeiros, até mesmo em cargos de comando, porém ele não era a favor de uma política de assimilação entre romanos e bárbaros. Uma vez que, para o antioquiano os bárbaros que não aceitassem e aderissem aos costumes romanos sem questionamentos, deveriam ser expulsos e/ou mortos.

Dessa maneira, percebemos uma diferença entre os pensamentos dos dois autores gregos, no que se refere à postura diante dos bárbaros. Enquanto o filósofo achava que o governante deveria se importar com todos os homens habitantes na terra, o militar achava que o governante deveria se preocupar somente com aqueles que contribuiriam com a manutenção do Império Romano. Em nossa opinião, o pensamento de Temístio é típico de um

¹ Como podemos notar nas passagens XX, 4, 4 e XXVII, 5,4, no que diz respeito aos não adaptáveis percebemos sua ojeriza as bárbaros nas passagens XXVI, 6, 11 e XXXI, 16, 8.

funcionário da corte imperial que ocupa uma posição nos meandros das organizações públicas, enquanto que o militar Amiano Marcelino atuava nos campos de guerras, presenciando diretamente os ataques dos povos bárbaros inimigos (não adaptáveis ao domínio político romano).

Assim, em meio a essa efervescência do momento, percebemos convergências e divergências no pensamento de dois autores da Antiguidade Tardia: um militar, Amiano Marcelino, e um filósofo, Temístio. Uma questão que nos desperta interesse nos textos estudados é a posição de ambos os autores quanto a eleição e o governo de Joviano, pois foi um Imperador advindo das forças militares em um momento de tensão, em plena guerra contra os Persas. Dessa forma, é curioso notarmos como os conceitos de Realeza, aqui estudados, se expõem nesse governante que ascendeu de maneira distinta ao cargo de Imperador.

O Imperador Joviano

Joviano nasceu no ano de 331 d.C. na região da Ilíria, mais especificamente em Singidunum, tendo morrido no ano de 364 d.C. com apenas 33 anos de idade. Como assumiu o comando do Império em meados de 363 d.C., só pode governar oito meses o território romano. Acerca da sua administração pouco se tem notícias; sabemos que buscou rever certas decisões tomadas pelo seu antecessor, Juliano, e é possível dizer que seu feito mais conhecido foi o acordo de paz firmado com os Persas, doando algumas das províncias romanas.

Tanto Amiano quanto Temístio ponderam a situação crítica do momento da aclamação de Joviano a Imperador – a ameaça persa; valorizam a ascendência paterna do escolhido, seria filho de Varroniano, homem reconhecido entre os militares e por suas virtudes; e também destacam a indicação primeira de Salústio, tendo sido só após sua recusa que se escutou o nome de Joviano. Nas palavras de Amiano a pessoa de Joviano foi escolhida por “cabeças quentes”, e nas de Temístio teria sido uma decisão espontânea pelo herdeiro da virtude.

(...), nossos soldados preferiram, na hora de dar seus votos, o parentesco de alma ao de corpo² e proclamaram o sucessor da púrpura quem herdara a virtude, e isso não em tempo de ócio nem de paz, nem em uma situação propícia a lisonjas, recomendações e subornos, mas tomando seus votos nas espadas e nas lanças em pleno apogeu de Ênio³. Foi uma decisão espontânea, uma proclamação sem dolo que exigia a situação e que arrastava a necessidade; e, o que é mais surpreendente, em uma assembleia celebrada em terra estranha, fora do território romano, pelo bem do Império Romano. (TEMÍSTIO, Disc. V, 65d).

Iniciaremos nossa análise com um tópico da política de Joviano que lhe relegou uma péssima imagem, seu tratado com os Persas muito combatidos pelos romanos. O panegirista, em seu discurso em homenagem ao Imperador Joviano, tece um elogio ao governante pela paz garantida com os Persas, embora em orações posteriores Temístio pontuasse a necessidade de se recuperar os territórios perdidos.

Tal acordo não recebe o mesmo prestígio na obra de Amiano. O antioquiano desaprovou em todas as instâncias a medida tomada por Joviano. O então Imperador na visão do historiador grego tomou uma decisão precipitada e não considerou as consequências de seu ato. Como o próprio autor narra a tomada da cidade de Nisibis após a proclamação da paz.

No dia seguinte, Bineses, um dos mais iminentes persas, apressava-se a cumprir as ordens de seu rei, que urgentemente demanda o que havia lhe sido prometido (pelo Imperador Joviano). Por consequência, com o aval do Imperador Romano, ele entrou na cidade e hasteou a bandeira de seu povo no topo da cidadela, anunciando, assim, a todos os cidadãos que deveriam partir de sua terra nativa. E, quando todos os cidadãos já haviam recebido o comando de deixarem seus lares de uma vez, com lágrimas e coração aberto, eles imploraram para que não fossem deportados de sua terra nativa. Declararam que, sem a ajuda das provisões e dos homens do Império, sozinhos estariam aptos a defenderem-se. Confiavam que a Justiça iria ajudá-los a lutarem pela morada de seus ancestrais. Tudo foi falado em vão, para os ventos, uma vez que o Imperador (como pretendia, enquanto movido por outros medos) não desejava incorrer na culpa do perjúrio. (AMIANO MARCELINO, Hist., XXV, 9, 1-2).

Essa questão legou uma imagem péssima do governo de Joviano, pois embora Temístio tivesse elogiado a medida, não se sabe se por uma política pacifista do filósofo ou se

² Alusão a Procópio, secretário do estado e tribuno de então, além de parente de Juliano, que haveria de encabeçar uma revolta mais para frente contra os sucessores de Joviano, tema que será objeto de futuros discursos de Temístio. Segundo Amiano (XXVI, 6, 1 ss.) havia rumores que Juliano o havia designado seu sucessor. (nota do tradutor).

³ Deusa da Guerra e companheira de Ares. Cf. *Ilíada* V 333, 592. (nota do tradutor).

por estar diante do Imperador quando proclamou seu panegírico, a historiografia ficou marcada pelos discursos daqueles autores tardo-antiguidade que, como Amiano Marcelino, criticaram veemente tal atitude joviniana.

Além desse elemento marcante, encontramos outras características que permeiam a ascensão e o governo de Joviano. Como por exemplo, a nomeação do filho do Imperador, Varroniano (mesmo nome do pai do governante), ainda uma criança, para o cargo de cônsul e parceiro de administração.

Temístio o reconhece em seu discurso e o homenageia, porém se dirige somente ao Imperador de Roma e, no fim de seu discurso, retorna a dar atenção ao cônsul Varroniano. Ao apontar que desde pequeno se parece com o pai, possuidor de “ânimo! Imperturbável! Como parece a ponto de se dirigir à audiência!”. (Disc. V, 71b).

Amiano, diferentemente, destaca outra visão da personalidade do novo parceiro de governo e filho do Imperador Joviano, o descreve como uma criança chorona e sem nenhum traquejo para ocupar um cargo de tamanha responsabilidade. Com essa atitude podemos dizer que o militar desaprova a escolha de um menino, ainda na idade infantil, para o posto de cônsul; ao que nos parece lhe desagradava o governo de Joviano.

Varroniano, nem se quer é citado quando da morte de Joviano para assumir o cargo de seu pai. Um novo conselho de militares se formou no intuito de decidir o destino de Roma, mas uma vez. Porém, a conjuntura era diferente da anterior, não havia a iminência de um ataque Persa dessa vez, sendo assim puderam deliberar mais sobre o assunto, decidiram pelo chefe dos targeteers Valentiniano. Vale ressaltar que o escolhido para suceder o Imperador Joviano, prosperou no governo de seu antecessor, pois uma das poucas decisões que Joviano tomou valorizou seus antigos companheiros da guarda Imperial, dentre eles Valentiniano I. (VANDERSPOEL, 1995:147; LENSKI, 2000:509).

O filósofo grego, em seu discurso ao governante ilírio, sublinhou a atitude do Imperador de lembrar os seus antigos colegas, trazendo eles de volta do exílio e/ou incorporando-os em sua equipe de governo. Assim, destaca a virtude do Imperador Joviano ao não se sobrepôr aos seus antigos companheiros, pois deveria se entender a Realeza como supremacia da virtude.

Apesar, em efeito, de haver ascendido de uma ordem sem demasiada notoriedade até a mais elevada de todas, não há renegado quem eram teus iguais, nem há olhado com receio quem antes te precedia, nem há depreciado a quem antes já tinha como inferior, mas, mesmo tendo suplantado a todos tão amplamente em fortuna, há mantido com todos teu comportamento de sempre, como quem é perfeitamente consciente de que a Realeza deve ser entendida como supremacia da virtude e não da sorte. (TEMÍSTIO, Disc. V, 67a).

O militar se posiciona vagamente a esse assunto, quando ao final de sua narrativa do governo de Joviano sublinha que esse escolheu seus oficiais com muito cuidado. Tanto o pesquisador John Vanderspoel quanto os estudiosos Heather e David Mancour realçam o fato do alto comando permanecer praticamente o mesmo na administração de Joviano, já que dos quatro generais presentes na sua eleição somente não se tem notícias de Nevitta. (VANDERSPOEL, 1995:147; HEATHER & MANCOUR, 2001:151).

No discurso do antioquiano sobre o Imperador Joviano, notamos um traço distinto da narrativa dos demais Imperadores. Em sua obra, Amiano sempre dedica uma parte aos méritos e defeitos dos até então governante de Roma, isso toma forma no fim da narrativa de cada governo, porém tal fato não acontece em relação a Joviano. O militar tardo-antigo escreve no máximo um parágrafo com esse teor, e mesmo assim o máximo de elogio que faz a Joviano é quanto a sua moderada educação, sua natureza doce e seu cuidado na hora de selecionar oficiais.

Nesse mesmo parágrafo, continua sua descrição do governante colocando os defeitos, em sua maioria ligada aos excessos ligados ao corpo, como por exemplo: ser mulherengo, beberrão e comilão, o que em sua concepção não condizia com uma postura digna do detentor do Poder Imperial. Na realidade, notamos que Amiano não escreveu se quer um livro para o governo de Joviano, há somente seis partes do Livro XXV sobre esse governante e sua administração, diferentemente do que ocorre com os outros Imperadores que aparecem na narrativa do militar.

Nas palavras de Amiano:

Também ele era devoto da doutrina Cristã, e às vezes a homenageava. Ele era moderadamente educado, de natureza doce, e (e pelo que aparece das poucas promoções que fez) era inclinado a selecionar os oficiais do estado com muito cuidado. Mas ele não era moderado na hora de comer, dado a

muito vinho e mulheres, faltas que ele deveria ter corrigido em respeito à dignidade Imperial. (AMIANO MARCELINO, Hist., XXV, 10, 15).

Nesse momento Amiano ressalta a crença de Joviano, a doutrina Cristã. A fé do Imperador ia de encontro com a do militar e a do governante anterior, pois ambos, o antioquiano e Juliano, eram não cristãos, assim como Temístio. Porém, mais uma vez reforçamos que o filósofo procura em seu panegírico a Joviano pontuar a importância de uma política de tolerância religiosa.

O mote principal de Temístio em seu discurso V – ao Imperador Joviano – era sobre a pluralidade de religiões existente e a necessidade de compreender a liberdade de crença concedida por Deus. O panegirista procura mostrar a importância de uma política de tolerância religiosa para a manutenção da paz interna do Império, pois em sua visão os romanos poderiam causar mais dano entre si do que aqueles provocados pelos persas.

Ainda nessa oração, Temístio apresenta a liberdade de culto como um ato divino, pois, para o autor, Deus teria concedido ao homem a liberdade de escolher a melhor forma para praticar o culto religioso. Dessa forma, podemos dizer que o paflagoniano tenta a todo o momento inculcar na política de Joviano uma consciência de tolerância, ressaltando que com essa política o Imperador alcançaria a imagem e semelhança de Deus. Mas seu discurso não teria alcançado totalmente o seu objetivo, pois o Imperador Joviano faleceu logo após o pronunciamento desse panegírico.

Nas palavras de Temístio:

Mas não é assim em teu caso, divino príncipe. Porém, mesmo exercendo como Imperador em todos os demais terrenos e almejando neles a perfeição, estabelece por lei que o relativo ao culto é competência de todos os homens. E com isso atua a imitação de Deus, que intencionalmente fez da inclinação a piedade algo comum a natureza humana, mas a forma de praticar o culto a deixou a vontade de cada um. Quem, pelo contrário, introduz a coação arrebatada com a liberdade que Deus há concedido. (...) que a alma de cada qual seja livre para eleger o caminho que creia melhor para praticar sua piedade. (TEMÍSTIO, Disc. V, 68a-b).

Ao longo da nossa análise, podemos perceber certas distinções entre o pensamento do militar e do filósofo, no que concerne ao governo de Joviano. Ao conciliarmos esses dois quesitos, notamos que os dois autores perceberam de forma distinta a realeza no Imperador Joviano. No que tange aos ideais de Amiano, Joviano teria ascendido ao poder por um desejo

da Fortuna, “O, Fortuna de Roma! (...) você arrebatou o elmo das mãos de um experiente piloto e o confiou a um inexperiente jovem. (AMIANO MARCELINO, Hist., XXV, 9, 7).

O antioquiano não vê em Joviano nenhuma das qualidades que preza num bom governante; como destacamos alhures, o pouco elogio que tece a esse governante é quanto a sua moderada educação e capacidade de escolher bons homens para lhe auxiliarem. Em sua maior parte, destaca a péssima decisão, tomada pelo Imperador, nos rumos da guerra contra os persas e, além disso, pontua a falta de autocontrole de Joviano, que era dado as paixões do corpo: comida, bebida e mulheres; o que era contraditório ao ideal de Realeza de Amiano Marcelino.

Em contrapartida, Temístio se posiciona de maneira distinta quanto à Realeza que observa no Imperador Joviano. Em seu panegírico, o paflagoniano agradece o novo Imperador por ter reincorporado a filosofia na corte e explica a Joviano a contribuição desta, com a afirmação de que o rei é a lei viva, lei divina. Num outro momento, Temístio destaca que a ascensão de Joviano foi graças a sua dignidade real. Como podemos observar no trecho a baixo:

O interesse do discurso e o motivo da celebração é, em efeito, bendizer a denominação desse ano, que acolhe a feliz parceria integrada por um pai e um filho que é seu companheiro de púrpura, assim como demonstrar que essa magistratura ganhou convosco maior prestígio que essa há contribuído a vós, pois um a assume como prêmio de sua dignidade real e o outro como prelúdio a ela, (...). (TEMÍSTIO, Disc. V, 65a).

Embora Temístio tenha ressaltado em seu discurso algumas atitudes favoráveis de Joviano, como sua acolhida da filosofia, as lembranças dos seus antigos colegas, sua disposição à tolerância religiosa, deixa de mostrar outros pontos marcantes na caracterização de seu governante ideal, entre eles a *philantrōpía*, humanidade, virtude elementar no conceito de Realeza do filósofo. Dessa forma, acreditamos que Temístio tenha prestigiado o novo Imperador, como lhe cabia, e aproveitou para defender o respeito aos diversos cultos, mas que não viu em Joviano um modelo de príncipe.

Assim, após pontuarmos as percepções de ambos os autores tardo-antigos, observamos que nem um deles elevou Joviano a um modelo de seus conceitos de Realeza, porém possuem opiniões distintas no que concernem aos elementos da administração desse Imperador.

Enquanto um, o antioquiano, procura enxergar somente o viés da perda militar, o outro, o paflagoniano, destaca os benefícios de sua ação na Pérsia e tende a observar seu potencial como governante.

Bibliografia:

Documentação Primária Impressa

MARCELLINUS, Ammianus. *History*. With an english translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1982, 3v.

MARCELLIN, Ammien. *Histoire*. Avec la traduction en français de Edouard Galletier e Jacques Fontaine. Paris: Belles Lettres, 1978.

TEMISTIUS. *Discursos Políticos*. Con traducción al español de Joaquín Ponce Ritore. Madrid: Gredos, 2000.

Obras de Apoio

AUSTIN, N. J. E. Ammianus on Warfare: na Investigation into Ammianus' Military Knowledge. *LATOMUS Revue d'études Latines*; Collection Latomus, vol.165. Bruxelles, 1979.

BARNES, T. D. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. New York: Cornell University, 1998.

BROWM, P. *Genèse de l'Antiquité Tardive*. Paris: Gallimard, 1984.

_____. *Power and Persuasion in Late Antiquity*. Towards a Christian Empire. USA: The University of Wisconsin Press, 1992.

CARRIE, J-M.; ROUSSELLE, A. *L'empire romain en mutation: des Sévères à Constantin 192-337*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

CARVALHO, M. M. Temístio, o imperador Juliano e a discussão em torno do conceito de realeza no século IV d.C. *Revista História*, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n. 1, jan/jun. 2006.

_____. *Paidéia e Retórica no Século IV d.C.: A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno*. Anablume: São Paulo, 2010.

DAGRON, G. L'empire romain d'Orient au IVe siècle et les traditions politiques de l'hellénisme : le témoignage de Thémistios, *Travaux et Mémoires*, vol. 3, 1968, p.1-242.

DRIJVERS, J. W.; HUNT, D. *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York : Routledge, 1999.

ERRINGTON, R. M. *Roman Imperial Policy from Julian to Theodosius*. The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2006

GONÇALVES, A. T. M. A Legitimação do poder imperial e os problemas sucessórios nos breviários de história romana produzidos no IV século d.C. *História Revista*. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFG. V.11 n.01, 2006. p.1-15.

HEATHER, P. Themistius : A political philosopher. In.: WHITBY, Mary. *The propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity*. Leiden: Brill, 1998.

_____. The barbarian in late antiquity: image, reality, and transformation. In: MILES, Richard. *Constructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p.234-258.

_____; MANCOUR, David. *Politics, Philosophy, and Empire in the Fourth Century: select Orations of Themistius*. Liverpool: Liverpool University Press, 2001.

JONES, C. P. Themistius and the Speech to the King. *Classical Philology*. Vol. 92, no. 2, 1997, pp. 149-152.

LeBOHEC, Y. *L'armée sur le bas Empire*. Paris: Picard, 2007.

LENSKI, N. The Election of Jovian and the Role of the Late Imperial Guards. *Klio*, v. 82, no. 2, 2000, pp. 492-515.

MATTHEWS, J. F. The Origin of Ammianus. *The Classical Quarterly*. Vol. 44, no. 1, 1994, pp. 252-269.

MILLAR, F. *The Emperor in the Roman World*. London: Duckworth, 1977.

SABBAH, G. *La Méthode d'Ammien Marcellin: Recherches sur la construction du Discours Historique dans les Res Gestae*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

SAYAS, J. J. Aportaciones de Temistio a determinados problemas imperiales. *Hispania Antiqua*, 1972, p.35-54.

SILVA, G. V.; MENDES, N. M. As Representações do poder Imperial em Roma entre o Principado e o Dominato. *Dimensões*. No. 16, 2004, pp. 241- 270.

THOMPSON, E. A. *The Historical Work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.

VANDERSPOEL, John. *Themistius and the Imperial Court: Oratory, Civic Duty, and Paideia from Constantius to Theodosius*. Michigan: University of Michigan Press, 1996

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL